



VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 25ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, aqui vai aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



Em maio, projeto 'Cinelândia - Cinema na Rua' exibiu duas sessões gratuitas: *Kasa Branca e Desapega!*

Em maio, o *Cinelândia - Cinema na Rua*, realizado pelo Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), em parceria com a Banca do André e a ASPAC - Associação dos Servidores Públicos da ANCINE, seguiu a todo vapor, oferecendo duas exibições de filme ao ar livre e gratuitas na Rua Pedro Lessa, na Cinelândia. À luz da lua, o projeto exibiu, no dia 12 de maio, o longa-metragem *Kasa Branca*, dirigido por Luciano Vidigal e disponibilizado pela produtora Vitrine Filmes. Já no dia 26 deste mês, foi a vez do filme *Desapega!*, protagonizado pelas atrizes Glória Pires e Maisa, com direção de Hsu Chien, tailandês já veterano em comédias brasileiras. A trama foi disponibilizada pela WMix Distribuidora; as produtoras são Telecine e Audaz Filmes.

Inspirado em histórias reais, o sensível *Kasa Branca* apresenta a relação de cuidado e amor entre Dé (Big Jaum) e sua avó Dona

Cinelândia - Cinema na Rua: homenagem a Sidney Magal no mês do aniversário do cantor



Em junho, o *Cinelândia - Cinema na Rua* homenageia o irreverente Sidney Magal, cantor e compositor brasileiro, que completa 76 anos este mês. O projeto exibe no dia 23, terça-feira, às 18h30, na Rua Pedro Lessa, o filme *Meu Sangue ferve por você* que mistura fatos reais e ficção de um dos artistas mais populares e celebrados do país.

O longa-metragem se passa em 1979, quando Magal, um dos artistas mais populares e celebrados do país, segue a rotina de ensaios e compromissos em Salvador. Durante um programa de TV, ele

Almerinda. Sem nenhuma estrutura familiar e morando na periferia do Rio de Janeiro, o rapaz é o único encarregado de cuidar da idosa, que vive com Alzheimer. Vivendo sob o peso dos alugueis atrasados e do preço dos medicamentos da avó, um dia, Dé recebe a triste notícia de que ela está em fase terminal da doença. O jovem, então, decide aproveitar os últimos dias da vida dela junto com os seus dois melhores amigos, Adrianim (Diego Francisco) e Martins (Ramon Francisco). Após a sessão, com um público participativo e emocionado com a história, os atores Big Jaum e Ramon Francisco, presentes na ocasião, falaram sobre como foi participar do longa-metragem, além de responder algumas perguntas dos espectadores. “Nunca me imaginei como protagonista de um filme, pelos motivos óbvios... quantas novelas ou filmes vocês viram alguém como eu como protagonista? Então, a gente tem que escrever, produzir, se movimentar em todas as frentes. Vi uma entrevista do Lázaro Ramos, recentemente. Ele disse que hoje não aceita qualquer trabalho, ele escolhe, produz os próprios projetos. Daí a gente muda a narrativa...queremos justamente subverter. E esse filme, apesar de não se distanciar da realidade, trazemos o que acontece na Baixada...esse isolamento, desamparo, mas subvertemos a relação de homens negros. Mostramos que eles se cuidam, são amigos, se amparam e estão juntos lado a lado. Foi um filme que não perdeu a seriedade mas também não perdeu a leveza e eu me orgulho muito disso”, ressaltou Big Jaum.



Após a exibição de *Kasa Branca*, Big Jaum e Ramon Francisco respondem perguntas do público e destacam temas sobre o filme

Ao responder a pergunta de um dos espectadores sobre uma das cenas finais do filme – que se passa no velório da avó de Dé – na qual o protagonista pede para que um amigo, de origem africana, declare algumas palavras de fé, substituindo a oração do padre/pastor, Ramon explica que o personagem em questão veio de Guiné-Bissau e frisa a importância de ressignificar certos padrões: a ideia foi “sair desse lugar padrão cristão formal e ressignificar com conhecimento, trazer um pertencimento maior. A cena reforça o que já trata o filme, ou seja, reformular estereótipos, sem os lugares clichês que o corpo preto é colocado. Então, mais uma vez é tentar ser subversivo dentro de um lugar comum. E o lorubá (sistema de crenças e filosofia de vida originário da África Ocidental) também traz essa geopolítica afrocentrada para a gente”, conclui.

conhece a deslumbrante Magali e é acometido por uma paixão inédita e avassaladora. Para conquistá-la, o personagem precisará vencer a resistência de Jean Pierre, seu empresário apaixonado, além da desconfiança da família, amigos e da própria Magali. Embalado por grandes sucessos, o longa narra os encontros e desencontros dessa explosão de amor que mudará a vida do casal Magal e Magali.

Na ocasião, haverá uma performance de dança Flamenca do Grupo Gesto dirigido por Eliane Carvalho.

É só chegar!

O evento será adiado em caso de chuva.

.....

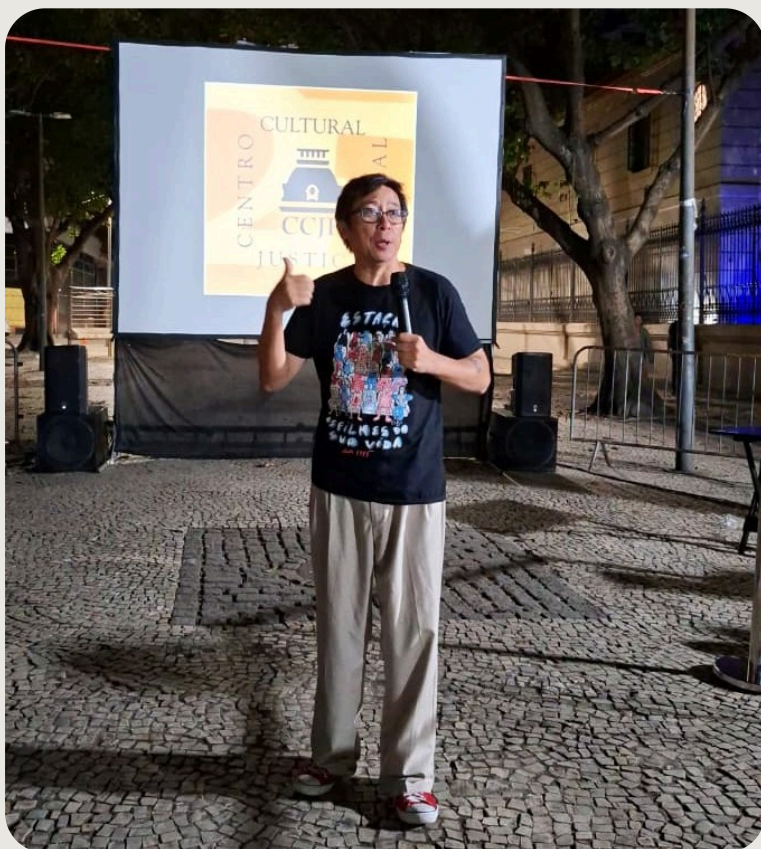
***“Entre leis e lendas”:
visita orientada ao
CCJF cercada de
mistério***



Uma experiência que transfigura a antiga sede do Supremo Tribunal Federal (STF) em palco de narrativas sobrenaturais, preservando a reverência à sua grandiosidade histórica. Para aqueles que gostam de boas histórias, cercadas de mistério e com um toque de terror, esta visita fora do comum é uma boa pedida.

No dia **16 de junho**, às **15h**, o Setor Educativo do CCJF realiza o encontro *Entre Leis e*

Aproveitando o Mês das Mães, o *Cinelândia - Cinema na Rua* prestou uma homenagem a elas exibindo o longa *Desapega!* que conta a história de Rita (Glória Pires), uma bem-sucedida organizadora pessoal que controla seu vício de acumuladora há anos e, por isso, foi convidada para liderar um grupo de apoio de compradores compulsivos. Tudo muda depois que sua filha Duda (Maísa) consegue uma bolsa de estudos para cursar fotografia em Chicago (EUA) e precisa, então, sair de casa e trilhar seu caminho sozinha. O fato ativa um gatilho na mãe e faz com que ela volte a ser uma compradora compulsiva. Como superar o antigo vício longe da filha? A sessão também contou com um convidado especial, o diretor Hsu Chien. Ele agradeceu a presença de todos e se mostrou feliz pelo filme ter sido escolhido para ser exibido no *Cinelândia - Cinema na Rua*. “O filme foi gravado durante a pandemia e uma coisa que eu falei com o elenco foi: estamos vivendo tempos difíceis...lembro que não conseguíamos nem ver o sorriso no rosto das pessoas por conta das máscaras. Vamos fazer essa comédia para celebrarmos a vida para, no futuro, a gente pensar e falar ‘que bom que fizemos esse filme que pode alegrar um pouco a todos que assistem’”, contou.



O diretor do filme Desapega!, Hsu Chien, conta ao público do Cinelândia - Cinema na Rua como foi gravar o longa-metragem em plena pandemia

A proposta é que o projeto *Cinelândia - Cinema na Rua* tenha exibições frequentes, sempre gratuitas, sem necessidade de distribuição de senhas, com preferência para filmes brasileiros com legendas em português, sendo acessível aos deficientes auditivos. “O intuito é incentivar o acesso à cultura, direito fundamental e universal, para todos os públicos e ocupar a Cinelândia, local emblemático e histórico para o cinema brasileiro”, ressalta Ricardo Horta, diretor-executivo do CCJF.

E não demora até a próxima sessão. Este mês tem mais! Só

Lendas: Os Mistérios do Palácio. Sede do STF entre 1909 e 1960, o prédio do CCJF preserva um denso legado histórico e emocional. Sob seus tetos e entre suas paredes, o peso da lei manifestou-se em debates nacionais decisivos e em sentenças que selaram destinos. Para somar uma aura de mistério a esse cenário e fascinar o público, o Setor Educativo reuniu relatos de fenômenos inexplicáveis que habitam os corredores e dependências do palácio.

É maior de 12 anos e quer participar? Se inscreva pelo e-mail:

visitas.ccjf@trf2.jus.br
É gratuito. Venha!

A história do CCJF: agende sua visita!



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

trazer a pipoca e chegar. Mais informações no site do CCJF, [clique aqui](#).



Na ocasião, o diretor-geral do CCJF, desembargador Theophilo Miguel Filho, enaltece o Centro Cultural pelos 25 anos de história

Jubileu de prata do CCJF: encontro celebra 25 anos dedicados à cultura, à arte e à preservação da memória

Dando continuidade a comemoração dos 25 anos do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, aconteceu no dia 7 de maio, solenidade que celebrou o jubileu de prata do prédio histórico enquanto espaço dedicado à cultura. O CCJF foi inaugurado em 4 de abril de 2001 e, ao longo dos anos, alcançou reconhecimento público como importante espaço de promoção da cultura, das artes e da preservação da memória. A trajetória de sucesso foi destacada pelo diretor-geral do Centro Cultural, desembargador federal Theophilo Antonio Miguel Filho em seu discurso. Para ele, estar à frente da gestão atual da instituição, justamente no momento em que ela celebra o jubileu de prata é sinônimo de felicidade e honra. “Hoje é uma data especialíssima. É motivo de grande alegria receber o carinho de todas e todos que aqui nos honram com as suas presenças”, frisou.

Além disso, Dr. Theophilo Miguel também recordou o percurso histórico do prédio do CCJF, originalmente concebido para abrigar o Palácio Arquiepiscopal do Rio de Janeiro, mas que acabou sendo cedido para a Justiça que ocupa o local desde 1909, época de sua construção – sendo sede do Supremo Tribunal Federal (STF) até 1960, e depois ocupado pela Seção Judiciária até quando recebeu uma importante restauração para então inaugurar como espaço cultural.

Logo após o pronunciamento, Dr. Theophilo Miguel agradeceu autoridades presentes com a Moeda e Certificado de Mérito Cultural do CCJF. Receberam a homenagem o ministro Messod Azulay Neto, diretor-geral do CCJF no biênio 2013-2015; o presidente do TRF2, desembargador federal Luiz Paulo da Silva Araújo Filho; o vice-presidente da Corte, desembargador federal

O serviço de visita orientada é gratuito e o agendamento pode ser feito da seguinte maneira: para até 10 pessoas [clique aqui](#)

Já para grupos de até 40 pessoas pelo e-mail: visitas.ccjf@trf2.jus.br

Refúgio para a mente, olhos e ouvidos no coração do Centro do Rio

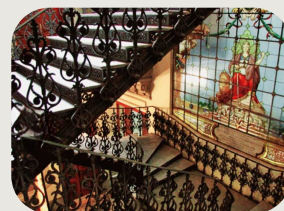


Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca está aberta ao público de **terça a sexta, das 12h às 17h**, exceto no recesso judiciário e feriados.

Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só

Marcus Abraham; o corregedor-regional da Justiça Federal da 2ª Região, desembargador federal Firly Nascimento Filho; o decano do TRF2, desembargador federal Sergio Schwaitzer, diretor-geral do CCJF no biênio 2007-2009; e os desembargadores federais Luiz Antônio Soares, Guilherme Calmon Nogueira da Gama (diretor-geral do CCJF no biênio 2015-2017), Ferreira Neves, Aluisio Gonçalves de Castro Mendes, Marcelo Pereira da Silva, Simone Schreiber (diretora-geral do CCJF entre 2021 e 2025), William Douglas, Carmen Silvia Lima de Arruda, Andréa Cunha Esmeraldo, Wanderley Sanan Dantas, Luiz Norton Baptista de Mattos, Alfredo Hilário de Souza, Cláudia Franco Corrêa, Rogério Tobias de Carvalho e Júlio de Castilhos.

Além dos agraciados com a moeda, prestigiaram os 25 anos do CCJF outras autoridades, entre elas o general de Brigada Ernesto Lima Gil, representando o comandante militar do Leste; general de Infantaria Pedro Celso Coelho Montenegro; o governador interino do Estado do Rio de Janeiro, desembargador Ricardo Couto de Castro, a presidente da Associação dos Juizes Federais do Rio de Janeiro e do Espírito Santo (Ajuferjes), Marcella Maria Carvalho Siqueira; e a presidente da Comissão da Justiça Federal da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção Rio de Janeiro, Alessandra Lamha Carneiro, representando a presidente da OAB-RJ, Ana Tereza Basilio.

**Com informações e foto da Comunicação do TRF2.*

apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)



No palco do CCJF, a atriz Luciana Borghia em uma das cenas da peça Na Casa do Rio Vermelho

Na Casa do Rio Vermelho aproxima público da história de Zélia Gattai e Jorge Amado

No mês de maio, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu o espetáculo teatral Na Casa do Rio Vermelho - O Amor de Zélia e Jorge, uma homenagem sensível à trajetória de amor, parceria e resistência construída por Zélia Gattai e Jorge Amado ao longo de 56 anos de união. Escrita e dirigida por Renato Santos, a montagem da peça conduziu o público por memórias afetivas, encontros históricos e momentos marcantes da vida do casal.

Curiosidades do CCJF: você sabia?



Você sabia que o mobiliário histórico do CCJF possui mais de 80 anos?

A disposição original da Sala de Sessões era bem diferente da atual e gerou certas críticas na época. Inicialmente, os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) ficavam próximos às portas principais, com acesso exclusivo ao interior do prédio, enquanto advogados e visitantes precisavam entrar pelos fundos e circular pelos jardins até

Inspirado nos livros autobiográficos de Zélia Gattai, a peça construiu uma narrativa delicada e intimista, atravessando décadas da história cultural e política do Brasil. No palco, amor e literatura se encontraram em relatos que revelam não apenas a vida a dois, mas também a convivência com artistas, intelectuais e figuras importantes do século XX.

Protagonizado pela atriz Luciana Borghi, a interpretação foi marcada pela sensibilidade e intensidade, destacando elementos musicais e visuais que ajudaram a reconstruir a atmosfera da famosa casa localizada no bairro do Rio Vermelho, em Salvador, espaço que se tornou símbolo da memória afetiva e intelectual do casal – revisitando desde o primeiro encontro entre os dois até a transformação casa em memorial.

Com uma abordagem afetiva e histórica, o espetáculo celebrou não apenas uma história de amor, mas também o legado cultural deixado por dois dos nomes mais importantes da literatura brasileira. O produtor cultural Júlio Luz compartilhou que essa temporada foi marcada por encontros muito especiais com o público. “Ao longo das apresentações (no CCJF), recebemos espectadores de diferentes faixas etárias, mas em sua grande maioria terceira idade, muitos deles profundamente emocionados pela delicadeza da encenação e pela potência afetiva da história de Zélia Gattai e Jorge Amado. Foi muito bonito perceber a identificação do público com o espetáculo”, declarou o produtor. Viva o teatro brasileiro!



Público prestigia abertura da exposição Falso Brilhante, de Milton Piran, com curadoria de Marcus Lontra e Rafael Peixoto, na galeria do 1º andar do CCJF

CCJF inaugura exposições que propõem diferentes visões sobre identidade, imagem, pertencimento e construção da subjetividade

No dia 19 de maio, terça-feira, às 17h, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) abriu duas novas exposições gratuitas: *Falso Brilhante* e *Morro pela Boca, Vivo pelos Olhos*. As mostras participaram da 24ª Semana Nacional de Museus, promovida

chegar ao plenário. O espaço destinado aos advogados ficava separado do público e dos ministros por uma pequena divisória de madeira. Ao longo dos anos, a organização da sala histórica foi alterada e, em 1938, foi construído o mobiliário que permanece em exposição até hoje.

Produzidas em madeiras nobres como Imbuia e Jacarandá, as peças ficaram por quase 30 anos em Brasília antes de retornarem ao prédio do CCJF – para o qual foram projetadas originalmente. Hoje, o conjunto, que já possui mais de 80 anos e está em excelente estado de conservação, segue compondo a Sala de Sessões junto com os lindos vitrais e paredes ornamentadas que respiram a história da Justiça brasileira.

O espaço, gratuito, é aberto a visitas. Venha conhecer!

pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) entre os dias 18 e 24 de maio de 2026 – cujo tema central foi *Museus Unindo um Mundo Dividido*. Além disso, elas também fazem parte do *III Festival Identidade em Cena* que acontece durante o mês de junho. Em um contexto atravessado por disputas de narrativas, negacionismos, desigualdades e apagamentos históricos, o CCJF reafirma o compromisso como espaço de múltiplas experiências sociais e estéticas. Com período de visitação de 20 de maio a 21 de junho, de terça a domingo, das 11h às 19h, as mostras propõem diferentes percepções sobre identidade, imagem, pertencimento e construção de subjetividades nos dias de hoje.

Na galeria do 1º andar, a exposição *Falso Brillhante*, de Wilson Piran, com curadoria de Marcus Lontra e Rafael Peixoto, revisita a trajetória do artista a partir da relação dele com a cultura visual contemporânea. Dialogando com a *pop arte* e com as reflexões da chamada ‘Geração 80’, a mostra discute o excesso de imagens na sociedade atual e seus impactos na formação de discursos, identidades e imaginários coletivos. Ao utilizar a purpurina como elemento recorrente nas 39 obras que estarão expostas no CCJF, Piran aproxima-se tanto das festas populares brasileiras quanto de dimensões estéticas ligadas às questões de gênero e às expressões da arte queer contemporânea. Na coleção de Piran, artes que retratam, com muita cor, um time seletivo de personalidades, entre elas Cartola, Pelé, Rogéria, Rita Lee, Marielle Franco, Gal Costa, Ayrton Senna e Santos Dumont.



*Público prestigia abertura da exposição coletiva *Morro pela Boca, Vivo pelos Olhos*, com curadoria Juan Santoli, na galeria do 2º andar do CCJF*

Já na galeria do 2º andar, a exposição coletiva *Morro pela Boca, Vivo pelos Olhos*, com curadoria de Juan Santoli, reúne obras de Breno de Sant’ana, Danilo Howat, Hansen, Luiz Sisinno, Marcus Lemos, Saulo Martins, Sema e Vix Palhano. A exposição articula uma reflexão sobre a produção artística no contexto da história da arte brasileira *queer*, abordando temas como solidão, desejo, incerteza, paixão e transformação de si. As obras apresentadas entendem a arte como exercício de invenção da própria vida, afirmando existências e experiências historicamente atravessadas por silenciamentos.

Para Maria de Oliveira, diretora da Divisão de Cultural do CCJF, ao integrar a programação da *Semana Nacional de Museus e o III Festival Identidade em Cena*, que acontece durante todo o mês de junho no CCJF, o Centro Cultural propõe ao público um espaço de convivência entre diferentes perspectivas e formas de existência, compreendendo a cultura como ferramenta de escuta e ampliação do debate público. “Além de preservar memórias, as exposições convidam à reflexão sobre quem tem

direito à representação, quais histórias são legitimadas e de que maneira a arte pode contribuir para construir vínculos em uma sociedade tão fragmentada”, destaca. Venha visitar as exposições, te esperamos!



Orquestra Mil Tons celebra o legado do Clube da Esquina em noite de casa cheia no CCJF

Na noite do dia 28 de maio, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu a *Orquestra Mil Tons* para um concerto especial em homenagem ao *Clube da Esquina*. Com casa cheia e um público muito animado, a apresentação transformou o espaço em um grande encontro de celebração da música brasileira, reunindo canções marcantes e muita emoção.

O concerto contou com a participação especial do saxofonista Nivaldo Ornelas e com a presença do compositor e violonista Toninho Horta, um dos nomes fundamentais do *Clube da Esquina*. A presença do musicista fez da noite ainda mais significativa para músicos e público, reforçando a importância do legado artístico homenageado. Ao longo da apresentação, a orquestra interpretou clássicos como *Tudo Que Você Podia Ser*, *Cais*, *O Trem Azul* e *Nada Será Como Antes*.

A produtora da orquestra, Clarice Pessoa, compartilhou que a troca com a plateia aconteceu de forma leve e espontânea. Para ela, quem esteve lá vivenciou momentos especiais, como quando Nivaldo Ornelas contou a história que inspirou a composição autoral *Nascimento do Milton*. Segundo o saxofonista, Milton Nascimento era conhecido apenas como “Bituca” até ser anunciado em um show pelo nome que se tornaria conhecido nacionalmente. Surpreso ao ouvir “Milton Nascimento”, nome que ainda não conhecia, Nivaldo transformou esse momento em música. “Foi como se o Milton tivesse nascido ali para mim”, explicou, justificando o título da composição.

Idealizada pelo regente Alexandre Viana Lopes Júnior, conhecido como “Xandão Viana”, a *Orquestra Mil Tons* foi criada em 2022

na UniRio como uma homenagem à obra de Milton Nascimento. Formado inicialmente por estudantes da instituição, o grupo cresceu e passou a reunir músicos de diferentes trajetórias, consolidando-se como uma referência na interpretação orquestral do repertório ligado ao artista mineiro.

Ao falar sobre o concerto, o compositor Toninho Horta, destacou que foi uma apresentação com muita diversidade artística e musical. Ele ressaltou a felicidade em ver cantores tão afinados, além de destacar a importância de prestigiar novos artistas. Para ele, “mais do que um show, a apresentação foi uma celebração da amizade, da criatividade e da força musical que marcaram o movimento *Clube da Esquina*”.

Mónica Baña, intérprete de conferências e espectadora do evento, relatou a alegria em conhecer a orquestra. “Fiquei encantada com o talento musical, a leveza e a alegria envolvidos no projeto. É muito interessante perceber também o processo coletivo da criação, com boa parte dos músicos trazendo arranjos próprios para o belíssimo repertório, além de um grupo variado de vozes”, disse. Segundo ela, o carisma e simpatia do jovem maestro foram uma atração à parte. “Conquistaram o público, que cantou e se emocionou e ainda teve a presença poética de Toninho Horta na plateia. É o tipo de espetáculo que vale a pena ver de novo”, declarou.

Para quem não conseguiu apreciar esse concerto, uma nova oportunidade vem aí! No dia 26 de agosto, a *Orquestra Mil Tons* volta ao CCJF com mais um show em homenagem ao *Clube da Esquina*. Venha prestigiar!



Escuta, conhecimento e trocas de experiências: como foi a 1ª edição da oficina literária para novos autores de livros infantis

Na literatura, para criar boas histórias infantis o autor precisa estar imerso em um mundo paralelo em que imaginação e fantasia são os elos capazes de transformar história em sucesso. É uma experiência enriquecedora para todos os envolvidos: para o escritor, o ilustrador, o editor, mas também para quem lê e

ouve essas histórias. Mas como transformar as ideias em livros? Pensando em ampliar a oportunidade de formação de novos autores no mercado literário infantil brasileiro, a Sala de Leitura do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, recebeu no dia 9 de maio a oficina *A arte das palavras e das imagens Oficina de Publicação de Livro para as Infâncias - 1 edição*.

A oficina, coordenada por Patrícia Montês, autora e consultora literária, especialista em literatura infantil e juvenil, deu aos participantes uma boa visão geral do processo de produção do livro, com as orientações iniciais necessárias sobre publicação das obras, com foco naquelas pessoas que ainda não têm experiência e/ou que não conhecem o mercado editorial. No programa, foram abordados temas como: aspectos da literatura contemporânea para as infâncias: linguagem, temas e projeto gráfico; o mercado editorial, suas vertentes e armadilhas; editoras tradicionais, independentes e prestadoras de serviços - prós e contras; registro de obra; leitura crítica e preparação de texto; os profissionais do processo de edição; custos de publicação de um livro infantil, dentre outros.

De acordo com Patrícia, desde o final do século XIX, quando os primeiros livros para crianças começaram a ser publicados, houve uma grande transformação no mercado editorial. “Entender essas mudanças e conhecer as diversas possibilidades de publicação de livros para crianças e jovens nos dias atuais faz uma grande diferença para quem escreve e deseja publicar um livro. Além de ser uma ótima oportunidade para trocar experiências com quem já publicou e conhecer pessoalmente alguns profissionais da área”, destaca ao falar sobre o objetivo do encontro.

A facilitadora também contou que a 1ª edição da oficina foi mais intimista, o que acabou proporcionando uma abordagem, de certa forma, mais personalizada dos temas, com proximidade e oportunidade de escuta e trocas de experiências entre os presentes. “Os participantes puderam manusear todos os livros, compartilhar seus objetivos de publicação e contar suas experiências prévias, as quais contribuíram para a conversa de perguntas e respostas esclarecedoras sobre o objeto livro, as diferentes características das editoras, como preparar e enviar um original, os custos para realizar uma publicação e tantas outras dúvidas comuns daqueles que sonham em publicar e/ou ingressar no mercado editorial”, detalhou. Para ela, o encontro foi muito enriquecedor já que todos se sentiram acolhidos e muito bem orientados para os próximos passos na realização de seus projetos. “Como autora e consultora literária, é sempre um prazer contribuir para ampliar o conhecimento dos participantes e uma alegria ouvir *feedbacks* tão positivos”, pontua.

Sobre a importância de haver espaços como os que o CCJF oferece, Patrícia ressalta que o Centro Cultural tem sido um importante parceiro no fomento à cultura carioca. “Os editais são uma excelente oportunidade para os artistas apresentarem seus trabalhos, desfrutando de um espaço belíssimo e bem estruturado, onde temos o suporte necessário para a realização dos eventos propostos”, ressalta. Segundo a especialista em literatura infantil, tanto o fluxo do edital quanto os alinhamentos com toda a equipe do CCJF fluíram muito bem, com objetividade e clareza nas informações e nos prazos. “Todos esses aspectos contribuem positivamente para a realização dos eventos e nos oferecem mais confiança para o encontro com os participantes”, concluiu.

Ficou interessado em participar da próxima oficina sobre o assunto? Fique atento a nossa programação no [site do CCJF](#) e redes sociais.



No estacionamento do CCJF, barraquinhas de países europeus convidavam o público a conhecer mais sobre a cultura daquele continente

CineSabores celebra o Dia da Europa com cinema e gastronomia

Entre os dias 5 e 8 de maio, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu o *CineSabores - cinema e gastronomia no Dia da Europa*, um evento que reuniu cinema, gastronomia e atividades culturais em uma celebração dedicada à diversidade e às tradições europeias.

A programação contou com uma mostra de filmes, no Cinema do CCJF, em que a gastronomia era o elemento central, revelando modos de vida, memórias e identidades culturais, além de contar com debates ao final de algumas sessões, ampliando as reflexões propostas na tela.

A abertura aconteceu com a exibição de *She, Chef* (Alemanha), documentário dirigido por Melanie Liebheit e Gereon Wetzels, que acompanha a trajetória da jovem cozinheira Agnes no universo da alta gastronomia. No 2º dia, o público assistiu a *Vingt Dieux* (França), longa-metragem de Louise Courvoisier premiado no *Festival de Cannes 2024* e vencedor do *César de Melhor Primeiro Filme em 2025*.

No 3º dia, foi a vez de exibir o clássico italiano *Pane e tulipani* (*Pão e Tulipas*), dirigido por Silvio Soldini. O filme acompanha a transformação pessoal de Rosalba, personagem que encontra em Veneza a possibilidade de reinventar sua vida a partir de encontros, afetos e pequenas experiências cotidianas ligadas à gastronomia.

Representando a Espanha, o documentário *Rioja, la tierra de los mil vinos* apresentou a tradição vinícola da região de Rioja e as histórias humanas que atravessam a produção de um dos vinhos

mais reconhecidos internacionalmente. Além da mostra de cinema, o último dia da programação do *CineSabores* reuniu, no estacionamento do CCJF, barraquinhas institucionais do Instituto Cervantes, Instituto Goethe, Instituto Italiano e Sociedade Beneficente Polonesa, com a presença de uma feirinha gastronômica aberta ao público. As atividades incluíram ainda o “speak dating”, dinâmica de conversação em diferentes idiomas, e miniaulas de línguas estrangeiras voltadas para temas gastronômicos e culturais.

Celebrado internacionalmente em 9 de maio, o *Dia da Europa* marca o aniversário da *Declaração Schuman*, apresentada em 1950 e considerada o marco inicial do processo de integração europeia. No CCJF, a data foi celebrada como uma oportunidade de promover encontros culturais e experiências de troca entre diferentes tradições europeias e o público brasileiro. O diretor do Instituto Cervantes, José Vicente Ballester, ressaltou que as feiras institucionais são boas experiências na medida em que abrem espaços para conhecer novos públicos e permitem que os institutos tenham visibilidade.

A estudante Vic Morphine contou como foi sua experiência no evento. “Alguns idiomas eu já tenho contato, como espanhol e francês, mas italiano e alemão, eu já não tenho. Então, para mim as atividades foram um pouquinho diferentes, mais um primeiro contato do que qualquer coisa. Gostei, gosto que esse espaço esteja sendo ocupado”, declarou.



Nobreza da Maré: a exaltação do Choro-canção em um espetáculo carregado de sensibilidade, poesia e memórias

Nos dias 29 e 30 de maio, Anna Paes, cantora, violonista e compositora, acompanhada de Carlos Chaves, violonista, cavaquinista e arranjador, integrante do *Quarteto Maogani*, estreou o show *Nobreza da Maré*, no Teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). O espetáculo, que encantou o público que teve a oportunidade de assisti-lo, celebra o choro-canção como um dos pilares da cultura musical carioca. Ele foi construído, sensivelmente e cheio de afeto, a partir de vivências

poéticas e musicais que nasceram da história familiar de Anna e mais de três décadas de vida no Rio de Janeiro. Para ela, o momento ficou marcado como uma das experiências mais significativas da trajetória artística. “O show nasceu do meu desejo de falar da minha relação com o choro pela expressão da voz cantada, uma relação que começou ainda menina, em Brasília, e que se aprofundou nos 36 anos que vivo no Rio”, conta.

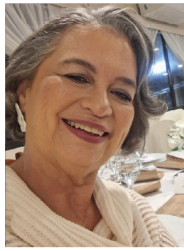
O repertório atravessa clássicos de Ernesto Nazareth, Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Tom Jobim e Carlos Lyra, a produção contemporânea de Hermínio Bello de Carvalho, Joyce Moreno, Chico Buarque, Edu Lobo e Guinga, e composições autorais – incluindo a estreia de *Amor Constante*, resultado da iniciativa de musicar a versão de Geraldo Carneiro para o *Soneto 116*, de Shakespeare. “Um arco que mostra a amplitude e a vitalidade do choro-canção como linguagem viva”, descreve Anna. No palco, junto com Chaves, ela construiu um diálogo sensível que se desdobrou em um ritual musical.

Sobre a concepção do show, a ideia foi criar uma alternância de sonoridades com a intenção de ampliar a escuta: ora em voz e violão, ora em voz e dois violões, ora em voz, violão e cavaquinho. Para o cantor e compositor Zé Geraldo, que acompanhado de sua esposa, Mônica Giacomini, saiu de São Paulo para assistir a apresentação no CCJF, o momento foi “carregado de emoção, com rico repertório de clássicos de domínio público, autorais e outros, nem tão populares, porém, de igual beleza.” “Já na abertura, uma declamação de *Rosa de Hiroshima* (Vinícius de Moraes) na voz do pai da Anna, tendo ao violão ela própria, então, com 15 anos de idade. Uma grata surpresa. Emocionante! A singularidade, a técnica, a emoção e o afeto, em sua delicada e linda voz, deram o tom dessa apresentação. Valeu a pena!”, destaca o compositor.

De ponta a ponta do espetáculo, dirigido por Germana Guilhermme, muitos momentos marcantes. Entre eles, o encerramento com *Nobreza da Maré*, choro autoral em parceria com Guinga e Simone Guimarães, escrito em homenagem à Marielle Franco, com a própria voz da ativista e vereadora do Rio (assassinada em 2018), ecoando no palco: “as rosas da resistência nascem no asfalto.” Samuel Araújo, professor do Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, se disse impactado com o esmero, a sabedoria e a sensibilidade entrelaçados no emocionante show. “Reitero aqui, em sintonia com todo o grupo que me acompanhava, meus agradecimentos pela bela noite que nos proporcionaram”, ressalta.

Sobre a acolhida do CCJF, Anna torce para que esse intercâmbio entre instituição e artista independente continue se fortalecendo, para que a música brasileira tenha cada vez mais espaços onde possa acontecer com qualidade e dignidade. Para ela, é uma honra tocar no prédio histórico, com toda a visibilidade e o alcance institucional que o Centro Cultural possui. “O CCJF foi o lugar certo para esse encontro – e não é a 1ª vez. “É a 2ª parceria que realizo com o centro, o que reforça uma relação de confiança e afinidade artística que muito me alegra. Além dos shows, o projeto incluiu oficinas de violão e de choro-canção realizadas na sala de cursos, num ambiente pedagógico com valor acessível, ampliando o alcance do trabalho para além do palco”, frisa a artista.

Certamente, a programação do CCJF seguirá proporcionando aos visitantes momentos inesquecíveis como esses.



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Andréia de Azevedo

*Bailarina e professora de ballet há anos, Andréia de Azevedo resolveu mudar de ares na carreira profissional ao ingressar na área pública. Hoje, ao compor a equipe do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), ela conta na série **Por dentro do CCJF** deste mês um pouco sobre a rotina de trabalho no CCJF, a carreira e a alegria de ter conseguido unir duas paixões: a justiça e a arte. Leia a entrevista completa, logo abaixo:*

VITRAL CULTURAL: O que te fez escolher a profissão, e além disso, ingressar na carreira pública? ?

Andréia de Azevedo: Sou técnica judiciária, lotada no Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2) e a escolha pelo concurso público ocorreu numa fase mais madura da vida, por volta dos 30 anos. A carreira oferecia a estabilidade financeira que eu buscava na época, mas também foi uma oportunidade de me redescobrir e aprofundar o estudo na área do Direito, mais especificamente na área de Administração Pública. Essa especialização e a experiência como administradora me fizeram alcançar um altíssimo nível dentro da estrutura do órgão, tendo me desafiado, constantemente, em busca de soluções para o aprimoramento na área de contratos e licitações públicas, o que tornou a trajetória muito instigante e emocionante.

VITRAL: Há quanto tempo você trabalha no CCJF e quais são as suas principais funções?

Andréia: Trabalho há um ano no CCJF e minhas principais funções envolvem o apoio à Direção Executiva na realização de eventos institucionais. Tais eventos contam com a participação de órgãos das Justiças Federal e Estadual, Escolas de Magistratura, dentre outras instituições públicas que realizam seminários e congressos no CCJF.

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal...

Andréia: Uma curiosidade é que comecei a vida profissional sendo bailarina e professora de ballet e, portanto, a juventude aconteceu em meio a ensaios e apresentações nos mais variados palcos do Rio de Janeiro. Agora, aos 60 anos, quase encerrando o meu ciclo profissional, retorno a esse universo cultural de alguma forma, ainda que com funções administrativas, mas respirando a energia única do CCJF que veio reunir as duas paixões mais relevantes da minha vida: a justiça e a arte!



Entre a câmera e o personagem: os caminhos improváveis de um artista da periferia

Como a paixão pelo audiovisual me levou à atuação e me ensinou que viver da arte também é aprender a reinventar os próprios caminhos

Por Big Jaum | ator, humorista, criador de conteúdo e apaixonado por audiovisual

Sou 'cria' de Guadalupe, último bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. Cresci em um lugar onde talento e sonho quase sempre precisam percorrer um caminho mais longo para encontrar oportunidades. Diferente de muitos colegas de profissão, não me tornei ator porque esse era o meu plano inicial. Minha primeira paixão foi o audiovisual. Sou videomaker por formação e sempre fui fascinado pela capacidade que uma câmera tem de registrar histórias, emoções e realidades.

Foi durante a pandemia que a atuação entrou na minha vida. Com o isolamento social e as restrições de contato, gravar outras pessoas deixou de ser uma possibilidade. Para continuar praticando audiovisual, comecei a me gravar. O que surgiu como uma adaptação necessária, acabou revelando uma nova vocação. Aos poucos, a câmera que antes estava voltada para os outros passou a me colocar também diante dela.

Viver da arte, no entanto, nunca foi um caminho simples. A questão financeira esteve presente em todas as fases da minha trajetória. Na adolescência, quando me dedicava à música, e mais tarde, ao audiovisual, tanto atrás quanto na frente das câmeras. Durante muitos anos, o sonho precisou dividir espaço com as contas, as incertezas e a necessidade de encontrar meios para continuar produzindo e acreditando.

Pensei em desistir mais vezes do que gostaria de admitir. Mas o tempo me ensinou algo importante: ser exclusivamente ator ainda é um privilégio para poucos. Entender isso mudou minha relação com a profissão. Em vez de enxergar outras atividades como um desvio de rota, passei a vê-las como parte da construção da minha carreira. Investi na criação de conteúdo para redes sociais, me aproximei do *stand-up comedy* e ampliei minha atuação dentro do universo artístico. Quando a maré baixa em uma área, a outra ajuda a sustentar o barco. Essa compreensão trouxe mais equilíbrio e menos culpa.

Hoje, olhando para trás, vejo que cada etapa teve seu valor. Já são 15 trabalhos como ator entre séries, filmes e novela. Entre eles, destaco com muito carinho o filme *Kasa Branca*, uma experiência que marcou profundamente minha trajetória. Contracenar com artistas como Roberta Rodrigues, Guti Fraga e Babu Santana foi uma honra imensa. No filme, Babu interpreta meu pai, e dividir cenas com alguém que construiu uma carreira tão sólida foi também uma confirmação de que é possível sonhar com longevidade, consistência e relevância dentro da profissão.

Mas talvez a maior importância dessas conquistas esteja além do aspecto individual. O audiovisual brasileiro ainda é predominantemente ocupado por homens brancos, especialmente nos espaços de maior visibilidade. Por isso, cada artista oriundo da favela que consegue ocupar esses lugares ajuda a ampliar o horizonte de quem vem depois. Representatividade não resolve tudo, mas abre portas simbólicas muito importantes. Quando um jovem da periferia vê alguém parecido com ele protagonizando uma história, ele passa a enxergar possibilidades que antes pareciam reservadas a outras pessoas.

Felizmente, cada vez mais artistas das favelas e periferias estão escrevendo, dirigindo, atuando, produzindo e contando suas próprias histórias. E quando ampliamos quem pode contar histórias, ampliamos também as versões de Brasil que chegam ao público.

A arte transforma. Mas, para quem vem da periferia, ela também resiste, insiste e abre caminhos. Talvez seja por isso que continuar criando seja, para mim, mais do que uma profissão. É uma forma de existir e de imaginar futuros possíveis.

Talvez seja por isso também que eu tenha recebido com tanta gratidão minhas duas alegrias mais recentes. A primeira foi viver o personagem Donzy na novela Dona de Mim, mais um passo em uma caminhada que começou quase por acaso, diante de uma câmera ligada dentro de casa durante a pandemia. A segunda foi muito maior do que qualquer papel: quatro anos após o nascimento do meu primogênito, Guian, chegou João Júnior, meu segundo filho.

Hoje, quando penso no futuro, penso tanto nos personagens que ainda quero interpretar quanto no exemplo que desejo deixar para eles. Que cresçam sabendo que sonhar é importante, mas que persistir é indispensável. E que, mesmo quando os caminhos parecem improváveis, vale a pena continuar contando a própria história.

